

Editorial

Por um perfil profissional ético

Aristóteles, na origem do pensamento filosófico ocidental, definiu o ser humano como um animal portador de racionalidade e, assim, inscreveu o *homo sapiens* na qualidade de alguém que constrói seu meio guiado pelo critério do pensamento rigorosamente orientado. Desse modo, toda compreensão e explicação exige o entendimento das causas que envolvem os fenômenos. Causas essas que são internas aos fatos, desfazendo a compreensão mitológica de que para tudo existe uma força alheia à vontade humana ou à sua natureza. Estamos diante da inauguração da base clássica para a teoria que, no século XX, tornaria a *responsabilidade* o núcleo das reflexões sobre ética. E isso devido ao fato de exigir do ser humano um olhar para os acontecimentos como sendo, também, consequência de seus atos, escolhas, deliberações.

Quando direcionamos nosso olhar, hoje, para o que é viver bem, ou para o rumo que o desenvolvimento técnico-científico vem assumindo, devemos ter presente essa dimensão racional que nos caracteriza e nos torna capazes de percebermos quais são os aspectos fundamentais da existência humana, os quais merecem nossa atenção teórica e prática. Destacam-se, entre tantos outros, os referentes à efetividade da justiça e, também, ao fato de sermos os únicos capazes de nos sentirmos responsáveis por todos os outros seres vivos. Considerando tais aspectos, nos deparamos com o problema da vulnerabilidade da vida, aspecto decisivo que deveria nortear toda produção científica e toda ação profissional ligada à área da saúde. Pelo fato de nos depararmos constantemente com a vida em seu limite, em sua fragilidade, algo essencial nos é exigido: que nossas ações não sejam motivos de agravamento daquilo que, por natureza, nos limita.

Conforme muito bem apontado por Martha Nussbaum, no livro *A fragilidade da bondade*, se, por um lado, por natureza somos vulneráveis e sentimos dor, o problema ético ocorre quando nossos atos venham a intensificar a dor do outro; por natureza somos vulneráveis à morte e doenças, mas não se pode admitir que o ser humano, mediante seus atos racionalmente conduzidos, seja o provocador de tais eventos. Esse é o ponto de encontro entre responsabilidade e ética e, no que se refere à pesquisa científica, todo avanço deve pressupor a garantia da vida digna a todos, com a minimização de suas vulnerabilidades. Do contrário, continuaremos fortificando um mundo no qual o desenvolvimento da humanidade não coincide com o desenvolvimento científico-tecnológico.

Esse problema ocorre, normalmente, por não termos claros os limites entre o secundário e o essencial. Na ânsia pelo sucesso dentro da economia de mercado, acabamos por confundir as finalidades: colocamos a rentabilidade como fim último das nossas ações e, por outro lado, a vida como um mero meio para atingirmos aquele fim. Dessa falta de clareza resultam grande parte dos problemas éticos, pois o ser humano passa a ser um objeto que somente tem sentido se contribui para a projeção econômica e social. É indispensável a permanente autocrítica sobre nós mesmos, e esse é o melhor antídoto contra as ações danosas, quando nossas capacidades não ponham em risco a permanência qualificada da vida.

Com essas discussões é que abrimos este número da *Revista da Faculdade de Odontologia* da Universidade de Passo Fundo, e que a leitura dos textos aqui publicados sirva de incentivo a uma prática mais lúcida, tanto em termos técnicos quanto em termos éticos.

Maurício João Farinon
Mestre em Filosofia e Doutor em Educação pela PUCRS,
Professor da Faculdade de Odontologia da UPF.

